



# O QUE QUER UMA MULHER?

**Serge André**

CAMPO FREUDIANO  
NO BRASIL

Jorge Zahar Editor

Título original: *Que veut une femme?*

Tradução autorizada da primeira edição francesa,  
publicada em 1986 por Navarin Éditeur, de Paris, França,  
na série "Bibliothèque des Analytica"

Copyright © 1986, Navarin Éditeur

Copyright © 1987 da edição em língua portuguesa:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (021) 240-0226 / Fax: (021) 262-5123

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Impressão: Hamburg Gráfica Editora  
Reimpressões: 1988, 1989, 1991, 1994, 1996, 1998

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A573o	André, Serge O que quer uma mulher? / Serge André; tradução, Dulce Duque Estrada. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 (Campo Freudiano no Brasil) Tradução de: <i>Que veut une femme?</i> Inclui bibliografia ISBN 85-7110-456-5 I. Mulheres – Psicologia. 2. Feminilidade (Psico- logia). I. Título. II. Série. CDD – 155.63 CDU – 159.964.2-055.2
98-0345	

## Sumário

<i>Prefácio</i> .....	7
1. O que posso saber disso? .....	9
2. A ciência paranóica da relação sexual .....	31
3. O encontro com o inominável .....	46
4. Primeira mentira .....	64
5. A histérica e a feminilidade: a repulsa .....	86
6. A histérica e a feminilidade: a conversão .....	103
7. O caso Elisabeth .....	123
8. Sonho e desejo na histeria .....	138
9. Trocar de sexo? .....	156
10. Uma menina e sua mãe .....	170
11. O tornar-se mulher .....	189
12. Gozos .....	209
13. Alteridade do corpo .....	228
14. O amor e a mulher .....	247
15. Da mascarada à poesia .....	269
<i>Bibliografia</i> .....	291

## A Ciência Paranóica da Relação Sexual

No ponto de origem da elaboração freudiana referente à mulher está, pois, o significante “bissexualidade”. Mas este termo não assume seu verdadeiro alcance — de fascínio e rejeição ao mesmo tempo — senão no contexto em que Freud é levado a medir-se com ele, ou seja, nesse drama inicial da psicanálise que se desenrola na relação entre Freud e seu amigo Fliess, de 1887 a 1902. Essa relação deve ser observada como uma autêntica transferência (1): o laço entre os dois homens é tecido menos em razão de suas qualidades respectivas do que em função de uma certa relação ao saber que, por tomar a sexualidade como meta, se transforma em relação amorosa, na qual cada um se apaixona por aquilo que supõe no outro.

Ao se encontrarem, no outono de 1887, eles ainda não produziram nenhum trabalho decisivo, mas têm em comum um poderoso interesse pela sexualidade que os leva à convicção de que é ali que se encontra a causa das moléstias que tratam. Esse encontro é fruto do acaso: Fliess, rinolaringologista de Berlim, veio fazer uma temporada de estudos em Viena, e Breuer aconselhou-o a seguir os cursos de neurologia de Freud. Sua relação começa por trocas de clientela, torna-se progressivamente muito amigável e vira idílio por volta de 1895. Nessa época, Freud encontrou em Fliess uma verdadeira *direção*; confessa-lhe: “Se te escrevo tão raramente, é unicamente porque escrevo muito para ti” (2), ou lhe confia que foi ao tentar lhe comunicar as teses que elaborou em seu esboço do “Projeto de uma Psicologia Cien-

tífica" que as coisas se esclareceram para si mesmo (3). Fliess ocupa, então, para Freud, o lugar daquele que o faz falar, e que pode saber aquilo que ele, Freud, procura formular em seus trabalhos. Certas passagens da correspondência confirmam, aliás, o saber universal que Freud lhe atribui. A decepção será, por isso, mais pesada quando, alguns anos mais tarde, Freud se der conta, notadamente a propósito de sua descoberta do Complexo de Édipo, de que Fliess nada entendera de suas preocupações. Esse saber suposto instala Fliess na posição do Outro, que se presta aos mal-entendidos do amor e às ilusões do narcisismo, pois que aquilo que Freud dele recebe, ou acredita receber, jamais é outra coisa senão sua própria mensagem sob uma forma invertida.

Nota-se, por outro lado, que essa relação é marcada por uma singular exclusão das mulheres, a começar pelas suas próprias. "Esconda este manuscrito de sua jovem esposa", recomenda Freud ao confiar a Fliess seu Rascunho B (4). Seus encontros — a que eles chamavam seus "congressos" — eram sempre realizados na ausência de suas mulheres. E é sabido, graças à curiosidade de Max Schur, que se estas tinham sido assim afastadas de sua amizade é porque estavam, ou haviam estado, na origem de graves complicações entre eles (5).

Essa relação exclusiva atinge seu ponto culminante em 1895; mas o apogeu do idílio é também o momento em que reina o maior mal-entendido entre Freud e Fliess. Freud, aprisionado no amor de transferência, está então completamente cego para uma série de discordâncias cuja emergência, no decorrer dos anos seguintes, vai separar progressivamente os dois homens. Durante os anos de 1895 a 1898, de fato, as dissensões vão surgir e se acumular. Freud tentará negá-las ou abafá-las, mas a partir de 1900 não poderá mais dissimulá-las e, depois de seu encontro em Achensee, durante o verão de 1900, vai se tornar claro que a ruptura é inevitável.

Sobre o quê se constrói a aliança entre Freud e Fliess, e pelo quê essa aliança será depois rompida? Para compreendê-lo, é preciso que nos interessemos pelo personagem de Fliess e pelas concepções que fizeram dele, ao menos por algum tempo, aos olhos de Freud, um "especialista universal" ou "o Messias" (6) encarregado de resolver as dificuldades de suas primeiras tentativas.

Já o dissemos, é a convicção de que a causa das afecções mentais deve ser buscada na sexualidade que sela o encontro dos dois homens. Mas é necessário ainda avaliar a significação que um e outro atribuíam a essa palavra, "sexualidade", e mais especialmente a idéia que ambos sustentavam de uma bissexualidade originária.

É espantoso que a leitura da obra de Fliess, *As Relações entre o Nariz e os Órgãos Genitais Femininos Apresentadas Seguindo suas Significações Biológicas* (7), revele a estrutura de um delírio paranóico, ainda que disfarçado sob a aparência de um discurso pseudocientífico. É mais surpreendente ainda que Freud, que foi no início de 1896 o primeiro leitor desse manuscrito, não encontre quase nada a criticar nesse "nariz-sexo", como ele o chama. Pelo contrário, faz-lhe grandes elogios, louvando "o encaideamento luminoso" das idéias e "as novas explicações" que ali são expostas, e conclui: "não precisei corrigir nada" (8). Ele se deixa seduzir completamente pelas teorias orgânicas de Fliess, já que, na mesma carta, parece de repente admitir uma explicação da neurose de angústia que se opõe, no entanto, à teoria do recalque que começara a elaborar dois anos antes (9).

O livro, beneficiando-se assim do *imprimatur* de Freud, será publicado em 1897. Expõe os fundamentos de um sistema que, a partir de uma prática médica minúscula, vai se elevar até construir uma teoria universal da natureza e decifrar o segredo dos grandes mistérios da vida e da morte.

Fliess parte do nariz: é ali que se localiza sua certeza fundamental (10). Seu livro começa por esta frase, cuja grandiloquência não nos deve esconder o valor de verdadeira descoberta que ela tem para o autor: "No meio do rosto, entre os olhos, a boca e as formações ósseas do cérebro anterior e médio, existe o nariz". Este nariz constitui para Fliess nada menos que o espelho do sexo feminino: ele constatou que certas partes do nariz se encontram alteradas quando da menstruação, esta última se manifestando nele por congestão, aumento da sensibilidade ao contato ou tendência ao sangramento. Ele chama, então, a essas partes, as "localizações genitais do nariz" e, já que elas incham durante a menstruação, designa aí verdadeiros corpos eréteis, "absolutamente semelhantes", escreve, "aos que se encontram, por exemplo, no clitóris" (11).

Essa relação entre o nariz e o sexo feminino se manifesta, de acordo com Fliess, por sangramentos de substituição que se produzem em lugar das regras. Deduz daí sua prática médica, que consiste em intervir no nariz (por cocainização e cauterização, especialmente) para suprimir os distúrbios dismenorréicos — aquilo que ele chama de forma nasal da dismenorréia. Observa-se igualmente essa relação de simetria invertida no decorrer da gravidez, quando um “efeito da congestão menstrual sobre o nariz” vai parecer tanto menos surpreendente na medida em que o sangramento menstrual uterino não se produz mais e que, em consequência, o processo de menstruação fica privado de sua saída normal.

Assim a menstruação constituiria o processo regulador do ritmo da vida e da morte. E o parto se torna “a grande menstruação”, que libera, num único fluxo, as regras retidas durante nove meses. É acompanhado, além disso, por uma série de sinais nasais — entumescimento e cianose — correspondência que é ainda verificada pelo que ele denomina “a dismenorréia nasal do nascimento”, ou seja, as dores de contração, que considera um autêntico problema menstrual (o qual se pode então remediar, como qualquer dismenorréia, pela cocainização do nariz). É a partir dessa equivalência entre gravidez e menstruação que Fliess vai introduzir sua segunda idéia fundamental, a do período: o começo das contrações será separado do último sangramento menstrual por um intervalo de  $x$  dias, que será um múltiplo do intervalo da menstruação, ou  $x.28$  dias (12).

Mas se o processo de menstruação não se interrompe durante a gravidez — quando, à falta de sangramento uterino, manifesta-se por congestões ou sangramentos do nariz, ou por contrações — também não cessa com a menopausa, quando, diz Fliess, vêm-se aparecer os primeiros sinais de uma “menopausa de mecanismo nasal” (13). Deve-se deduzir daí que a menstruação é um processo que ultrapassa os limites que lhe são atribuídos habitualmente, ou seja, o período durante o qual a mulher é capaz de procriar. Ela os ultrapassa de tal maneira que Fliess não tardará em encontrar seus traços nos próprios homens. Ele colecionará uma “quantidade de observações de homens que são afetados regularmente por sangramentos nasais por ocasião do coito” (14).

A essa altura — que se situa mais ou menos na metade do livro — as concepções de Fliess assumem o aspecto de uma sistematização universal. Tendo partido do fenômeno da menstruação feminina, da qual pretendia ter isolado uma manifestação nasal — o que Freud mais tarde chamará de um “deslocamento” — ele vai agora ampliar o alcance desse fenômeno a todo o universo. Já o destacou do sangramento menstrual uterino, assimilando o parto à menstruação; prossegue essa extensão referindo às manifestações menstruais uma série de dores nevrálgicas e afecções diversas como angústia, asma, enxaquecas, urticária, hemorróidas, diabetes, apoplexia, crescimento dos dentes e, finalmente, o desenvolvimento da aquisição da linguagem (15). Ao mesmo tempo, separa a menstruação do sexo feminino sublinhando nos homens uma série de fenômenos análogos, o que o leva, finalmente, a falar em regras dos homens (16). Ainda um passo adiante e ele concluirá sua obra inscrevendo a menstruação para além dos limites do humano, anunciando uma monografia completa que tratará dessa questão “no homem, no animal e nas plantas” (17).

Se essas extensões múltiplas da noção de menstruação são possíveis, é que a idéia de periodicidade, que era inicialmente apenas uma característica da menstruação, assumiu tamanha importância que se tornou a noção principal, absorvendo completamente a idéia da menstruação. Uma espécie de inversão se produz ao longo do desenvolvimento de Fliess: no começo a menstruação é o principal e a periodicidade o acessório; no fim, a menstruação não é mais que um sinal da periodicidade. De “tudo o que é menstrual é periódico”, ele chega a “tudo o que é periódico é menstrual”. Atinge-se então a concepção grandiosa de um universo regulado — é o caso de se dizer — pela menstruação. Com efeito, se o dia do parto, e portanto do nascimento, é determinado por esses períodos (de 28 ou 23 dias, vamos precisar essa distinção mais adiante), o dia da morte também deve sê-lo, bem como o ritmo de desenvolvimento dos tecidos e das funções (inclusive a da fala), a ocorrência das moléstias, etc. O autor dedica mesmo duas páginas de sua obra a sustentar que se Napoleão perdeu as batalhas de Dresden e de Borodino é porque, em suma, ele estava com as regras naquele dia... (18).

Assim a lei dos períodos aparece a Fliess “como sendo uma verdadeira lei natural” (19). Mas qual é o objeto que se acha regulamentado por essa lei? É, diz Fliess, a toxina sexual, substância e princípio único, tanto da vida como da morte. Ele constrói sobre essa base uma teoria da angústia que seria interessante comparar com aquela que Freud tenta estabelecer na mesma época; segundo Fliess, a angústia não faz senão manifestar, por descargas, o acúmulo de toxina sexual não dispendida pela vida normal (20).

Temos, pois, um princípio universal: “isso flui”, e a regulação periódica desse fluxo, uma enumeração de suas vias normais ou substitutivas (o nariz desempenhando o papel de descarga privilegiada mediante sua relação especular com o sexo feminino), e a substância, o fluido que provoca essas manifestações: a toxina sexual, que se situa para além da vida e da morte, já que sua descarga periódica começa por construir o organismo e acaba por destruí-lo (21). Resta descobrir de onde vem essa toxina e explicar como ela pode circular pelo corpo. É a isso que Fliess dedica o último capítulo de seu livro — que não seria indigno de figurar nas *Memórias* do Presidente Schreber (22). Ao mesmo tempo em que localiza a produção da toxina sexual na tireóide, Fliess dá a entender que sua teoria supõe uma espécie de nivelamento nervoso entre uma série de órgãos tão diversos quanto os órgãos sexuais no sentido estrito, o nariz, a hipófise, as amígdalas e... os músculos oculares do recém-nascido, todos colocados sob o controle daquilo que ele denomina em dado momento “as irradiações menstruais” (23).

Mas o ponto mais importante — e também o mais obscuro — de toda essa construção é a bipartição dos períodos em séries femininas de 28 dias e séries masculinas de 23 dias. Uma leitura atenta da obra não permite encontrar verdadeira justificativa para esse dualismo, pelo qual Fliess acredita demonstrar o fundamento bissexual do ser humano. É um postulado que ele introduz empiricamente para resolver certas dificuldades que se apresentam em seus casos clínicos (24), e que só explica mais adiante, quando volta a ele, declarando de maneira sibilina que “as oposições de cifras devem também corresponder a diferenças sexuais mais profundas” (25). Parece que essa distinção entre dois tipos de períodos — de 28 e 23 dias — e sua qualificação de séries femi-

ninas e séries masculinas tenha sido imposta, dentro da lógica da obra, pela necessidade de assegurar a tese central do delírio de Fliess: é a mãe que, transmitindo seus períodos à criança, vai determinar o sexo desta. Existe entre a criança e sua mãe uma “co-vibração” (26), que emerge da própria lei da natureza. É aí que se pode captar a emergência da psicose na exposição de Fliess: toda essa ciência sexual tem como objetivo provar que o processo periódico — ou seja, aquilo que detém o lugar de Lei do universo — é transferido da mãe à criança, sem intervenção de terceiros. Ora, exatamente na mesma época, em 1896-1897, Freud se questionava igualmente quanto àquilo que se transfere da mãe à criança, mas em termos bem diferentes, já que sua idéia primeira era a de uma transferência de gozo sexual por via da *sedução* que exerce sobre a criança a mãe ou a nutriz.

Fliess estabelece finalmente uma teoria em que, da filiação à determinação de sintomas, tudo vem apenas da mãe, à qual a criança permanece ligada, mesmo para além da vida intra-uterina, por uma “co-vibração” animada pelas “irradiações menstruais”. Em outras palavras, o pai é absolutamente dispensável: basta, para que o sistema se perpetue, que tenha havido um dia uma mãe originária, e a lei universal do “isso flui”. Ora, o nome de Fliess, na língua alemã, evoca imediatamente o verbo *fliessen* (fluir) ou o substantivo *Das Fliessen* (fluxo). A partir daí não é abusivo concluir que, por essa construção, Wilhelm Fliess não procura senão fazer de seu nome o próprio nome da lei que governa a ordem do Universo — trajetória que se deixa facilmente comparar ao esforço delirante do Presidente Schreber (27). O fluxo periódico de uma misteriosa substância sexual viajando pelo corpo entre nariz e sexo e passando por toda uma série de órgãos que ela faz alternadamente inchar e murchar, não é, no fim das contas, nada mais que uma metáfora delirante do falo, ou seja, daquilo que poderia regular o desejo todo poderoso da mãe.

É importante destacar os princípios dessa teoria paranóica da relação sexual, pois só em oposição a ela é que Freud pôde formular as regras da estrutura do inconsciente. Com efeito, foi apenas se despreendendo da sedução exercida pela ciência sexual paranóica que ele pôde empreender uma clínica psicanalítica da histeria (onde a questão da bissexualidade aparece sob um ângulo totalmente outro). E foi só mantendo a idéia central da au-

sência de relação sexual que ele pôde sustentar a psicanálise em face de todas as dissidências pelas quais a ciência paranóica tendia a retornar. Pois a concepção fliessiana da bissexualidade se articula numa seqüência de argumentos ou de postulados fundamentais que serão encontrados, total ou parcialmente, em cada um dos dissidentes do freudismo. Vamos resumi-los em alguns pontos:

1) Para Fliess a determinação dos dois sexos é dada de saída: a diferenciação biológica é suficiente para dar conta do fenômeno sexual.

2) Os dois sexos estão ligados por uma relação de simetria: cada um contém o outro a título de recalado. Fliess levará essa concepção às suas mais extremas conseqüências pouco depois da aparição de sua obra sobre o *Nariz*. . . já que, a partir de 1897, substituirá a palavra "bissexualidade" por "bilateralidade", assimilando a diferença sexual à oposição esquerda-direita.

3) Por outro lado, os dois sexos se encontram na realidade confundidos pelo princípio unitário que afeta a ambos: a lei universal da menstruação periódica, ultrapassando o sexo e o indivíduo, tem por resultado integrar o sexo à Natureza, uni-lo ao ritmo do mundo.

4) A sexualidade, a partir de então, se destaca das condições impostas pela singularidade do desejo, para ser reconduzida à realização automática da espécie eterna. Assim, sexualidade e reprodução são reconciliadas.

5) Outra conseqüência: a noção de bissexualidade — cada sexo é portador do outro sexo, e cada ser recebeu da mãe duas periodicidades, uma dominante e outra recalada — significa mais um princípio de harmonia do que a origem de um desacordo: o sujeito, aí, é convidado à miragem de uma totalidade fundada sobre a substância vital única. Na continuação de seus trabalhos (28), Fliess sustentará além disso a possibilidade de uma reprodução assexuada, ou seja, o princípio da auto-geração.

6) Enfim, toda essa construção se apóia sobre a foraclusão\* da instância paterna: tudo é tributário da mãe, com quem a criança mantém durante toda sua vida uma relação de ressonância harmônica natural que nada pode perturbar.

\* Em francês: *forclusion*. Empregamos aqui o termo cunhado por MDMagno. (N. da T.)

A esta "ciência sexual" Freud vai se opor ponto por ponto, sabendo que ninguém mais do que ele foi exposto às seduções exercidas pela paranóia sustentada pelo discurso da ciência. Percorrer a elaboração de Freud sob este ângulo único permitiria sem dúvida observar como ele se consagrou a construir uma resposta ao saber paranóico, e, por conseguinte, como dissolveu pacientemente sua transferência para Fliess. Se retomarmos os seis pontos que acabamos de enumerar, vamos perceber, com efeito, que cada um deles foi respondido pela doutrina freudiana:

1) Ao dado biológico dos dois sexos, Freud vai opor a impossibilidade de inscrever sua diferença no plano do inconsciente. À diferença dos sexos, o inconsciente objeta o primado do falô — tese que se torna explícita a partir de 1923.

2) À relação de simetria colocada por Fliess, Freud opõe a noção de uma dissimetria essencial entre os destinos do menino e da menina (29).

3) Quanto ao princípio de unidade da lei da menstruação periódica, este se poderia comparar ao conceito de libido única, se a libido freudiana não constituísse a antítese de uma força *natural*, de vez que ela é fálica; por outro lado, se ela se divide, não é entre um pólo masculino e um pólo feminino, mas sim entre a atividade e a passividade, ou entre o eu e o objeto.

4) O primado da espécie sobre o indivíduo é um elemento que, em compensação, embarçou Freud grandemente. Disso são testemunhas suas reflexões sobre o soma e o gérmen, ou sobre as concepções de Weisman, em "Mais Além do Princípio do Prazer" (30).

5) Outra oposição radical: a concepção da bissexualidade em Freud, por vaga que seja, situa-se de modo inverso à idéia de uma harmonia bissexual. A bissexualidade nunca é colocada como o índice de uma totalidade possível do indivíduo, mas ao contrário, como o fator de um desacordo fundamental. A sexualidade, para Freud, permanece traumática, e, se se pode falar de uma bissexualidade psíquica, é no sentido de uma divisão irremediável, da qual a histérica, por exemplo, dá testemunho no conflito de fantasias que estruturam seu sintoma (31).

6) Enfim, será preciso mostrar que o esforço de Freud consistiu principalmente em sublinhar a importância, imaginária e simbólica, da função paterna, rompendo assim a ilusão de uma

relação de ressonância natural com a mãe? Encontramos, aliás, uma ilustração disso, pitoresca e cativante ao mesmo tempo, num poema que Freud endereça a Fliess em 1899 por ocasião do nascimento de seu segundo filho. Esse texto, divulgado por Max Schur (32), contém, num resumo notável, o essencial da resposta que Freud oferece à paranóia de Fliess.

Esta resposta, longe de ser imediata, é o fruto de um esforço prolongado: é a obra de toda uma vida e o resultado de uma vontade incessante de decifrar o enigma do sexo. A confiança desse longo combate se esboça na correspondência que Freud troca com Jung e com Abraham. A Jung ele diz o quanto a elucidação dos mecanismos da paranóia dependeu da análise que pôde efetuar de sua relação com Fliess: foi o comportamento de Fliess para com ele, escreve, que o levou à idéia do recalçamento da homossexualidade na paranóia (33). Noutra passagem, confie o quanto Adler desperta nele a lembrança de Fliess: "as mesmas coisas paranóides", escreve (34). Esta lembrança é revivida ainda mais facilmente, já que nessa época Freud está imerso no estudo das *Memórias* do Presidente Schreber. Ora, esse trabalho constitui para ele uma verdadeira análise de sua relação com Fliess, a ponto de se sentir incapaz de julgar se seu estudo vale mais do que o simples testemunho que lhe oferece sobre sua própria análise: "Meu Schreber está terminado (...) Contrariamente a trabalhos anteriores, estou desta vez absolutamente sem julgamento quanto a sua qualidade intrínseca, devido à luta que se efetuou, durante sua redação, contra complexos interiores (Fliess)" (35).

Assim, o combate pelo qual Freud se livra da sedução da ciência paranóica de Fliess recomeça constantemente. Ele se repete não apenas para o próprio Freud, mas também para cada um de seus discípulos e, de modo geral, para cada psicanalista que se propõe elucidar o enigma da sexualidade. De fato, se Freud pode julgá-lo ter obtido uma vitória com seu estudo sobre a paranóia de Schreber (36), a questão não fica inteiramente resolvida, pois volta a aparecer na relação que ele mantém com seus discípulos. Já destacamos a associação que ele faz por si mesmo entre Fliess e Adler. Pode-se lhe comparar o aspecto passional que assume sua relação com Jung, precisamente no momento em que termina seu Schreber. Mas o cúmulo é que nesse momento outro

grande discípulo, o outro grande pilar sobre o qual Freud contava poder apoiar-se, Karl Abraham, deixa-se seduzir por Wilhelm Fliess em pessoa! Assim, numa carta de 11 de fevereiro de 1911 (37), Abraham confia a Freud que ficou surpreso, na observação de um caso de psicose cíclica, com a existência de períodos masculinos e períodos femininos: falou disso a uma colega, amiga de Fliess, e esta o fez saber, alguns dias mais tarde, que Fliess lhe pedia que fosse vê-lo. Esse convite deixa Abraham bastante embaraçado diante de Freud — ele se acha, em suma, convocado pelo analista de seu analista! Freud lhe responde, pelo retorno do portador, indicando-lhe de maneira extremamente firme qual é sua posição a respeito de Fliess, e põe Abraham em guarda contra a armadilha que o espreita. Essa carta, testemunha do ponto em que Freud se situa com relação a Fliess imediatamente após seu estudo de Schreber, merece ser citada:

“Respondo-lhe pelo retorno do correio a propósito da passagem de sua carta referente a Fliess, e tomo a liberdade de aconselhá-lo, mesmo sem que você o tenha pedido, em outras palavras, de lhe indicar qual é a minha posição. Não vejo porque você não o visitaria. Você irá travar conhecimento, antes de mais nada, com um homem muito notável, fascinante mesmo, e terá talvez, por outro lado, ocasião de abordar cientificamente mais de perto o fragmento de verdade que contém, certamente, a teoria dos períodos — uma possibilidade que me foi recusada por motivos pessoais. De certo ele tentará afastá-lo da psicanálise (e, como ele acredita, de mim) e arrastá-lo para seu caminho. Mas estou certo de que você não trairá a nós dois a seu lado. Você conhece o complexo dele, e sabe que sou o seu centro; saberá, pois, evitá-lo. Você sabe, desde o início, que ele é, no fundo, um homem duro, o que eu mesmo levei diversos anos para descobrir. Ele é magnificamente dotado para as ciências exatas; durante algum tempo, não tinha a menor idéia da psicologia, no começo aceitava ao pé da letra tudo o que eu lhe dizia e agora, com certeza, terá descoberto exatamente o contrário” (38).

Certamente, Abraham aceita o convite de Fliess, e, em seguida a sua entrevista, escreve a Freud uma carta que é uma obra-prima de denegação e na qual transparece o fundo do problema: fica claro, com efeito, que a lucidez que se pode exercer face à fragi-

lidade científica do sistema paranóico (no caso, a teoria fliessiana) não impede de modo algum que se deixe seduzir por ele. Abraham quer, antes de tudo, reassegurar Freud: ele não sentiu a impressão de fascínio que este lhe havia predito. Acaba, entretanto, por confessar que travou o conhecimento mais precioso que poderia ter feito entre os médicos berlinenses (39). Em resposta, Freud o coloca mais uma vez em guarda, referindo-se à sua própria desventura, quer dizer, à sua própria transferência para Fliess: “Não se esqueça de que nós aprendemos sobre ele, todos dois, a compreender o mistério da paranóia (...) já gostei muito dele no passado, e por esta razão há muitas coisas contra as quais não me acautelei” (40).

Essa confissão parece encerrar a disputa: a partir desse momento, Fliess não é mais evocado na correspondência entre Freud e Abraham a não ser de maneira incidental e indiferente, para assinalar a publicação de uma obra ou seu reconhecimento pela Sociedade, em 1914. Silêncio, pois, até setembro de 1925, ou seja, três meses antes da morte de Abraham, quando Fliess subitamente reaparece e em tal posição com referência a Abraham que Freud só poderá soltar um grito de desespero. Essa troca de correspondência, que é uma das últimas entre os dois homens, tem lugar logo depois do congresso de 1925, onde — ironia da sorte! — Freud apresentara seu estudo “Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos”. Abraham, por esta época, está muito doente; ele comunica a Freud a fadiga a que se submeteu durante o congresso, bem como suas dificuldades respiratórias, e de súbito lhe faz esta confissão: “De resto, devo de qualquer forma submeter-me a um tratamento do nariz e da garganta com Fliess. Se esta carta já não fosse desmesuradamente longa, eu gostaria de lhe contar como minha doença confirmou de um modo particularmente espantoso todas as idéias de Fliess sobre a periodicidade.” (41)

A resposta de Freud é imediata: “Então o que eu temia aconteceu (...)” (42). O que temia ele? Além do enfraquecimento psíquico de Abraham, minado pela tuberculose, é sem dúvida sua fraqueza com relação a Fliess que, para Freud, assume proporções de catástrofe. Pois eis agora Abraham, presidente titular da Sociedade que reagrupa os discípulos de Freud, colocado na mesma posição, perante Fliess, daquela na qual o próprio Freud se en-

contrara há trinta anos, na época em que não recuava diante da idéia de ser operado dos cornetos nasais por seu amigo.

A situação é tanto mais surpreendente quando a comunicação que Freud apresentou ao Congresso que acaba de se realizar (43) contém diversas teses que atacam violentamente as concepções de Fliess. Freud sustenta ali a idéia, fundamentalmente oposta à organologia fliessiana, de que é pelo complexo que o ser humano se relaciona com sua anatomia, o complexo aparecendo assim como a condição da "natureza" sexuada do humano.

Existe aí como que uma fatalidade que persegue Freud e marca seu destino com um acento autenticamente trágico. Se ele consegue, de fato, à custa de esforço e obstinação, livrar-se da sedução que exerce sobre ele a ciência sexual de Fliess e dar um outro conteúdo à noção primária de bissexualidade, é para ver seus melhores discípulos, aqueles a quem tratava como filhos, sucumbirem um após outro aos encantos da paranóia. Como se o voto que ele havia formulado outrora, quando sua transferência para Fliess estava em seu apogeu, não cessasse de se realizar:

"Se você não vê inconveniente, darei a meu próximo filho o nome de Wilhelm! Se ele for menina, ela se chamará Anna". (44) Foi Anna, mas o espectro desse filho Wilhelm, que ficou no limbo, voltou outras vezes para buscar o que lhe era devido e apoderou-se a cada vez dos melhores filhos de Freud: Adler, Jung, Groddeck, Reich, Ferenczi, o próprio Abraham, todos caíram um depois do outro no buraco da crença na relação sexual, de onde Freud havia saído para fundar a psicanálise. De tal forma que ele ficou só, absolutamente só, a se apegar obstinadamente à idéia de uma dissimetria dos sexos, até que Lacan o discernisse e retomasse a bandeira da descoberta psicanalítica.

## Notas

1. Ver S. ANDRÉ, "L'Analyse de Freud", in *Ornicar?* n.º 30.
2. Referimo-nos à edição francesa da correspondência Freud-Fliess publicada em *Naissance de la Psychanalyse*. Aqui, trata-se da carta de 23/9/1895.
3. Op. cit. carta de 20/10/1895.
4. Op. cit. Rascunho B de 8/2/1893. (Em português, os extratos das cartas de Freud dirigidas a Fliess encontram-se no volume I da Edição Standard Brasileira). (N. da T.)
5. MAX SCHUR, *La Mort dans la Vie de Freud*, p. 264-5.

Anna Freud, ele / ela que se seu / Fliess

o pelo complexo de Édipo que o homem se relaciona e sua autonomia

6. *La Naissance de la Psychanalyse*, carta n.º 13.
7. W. FLIESS, *les Relations entre le nez et les organes génitaux féminins*, na tradução francesa de J. GUIR e P. ASCH, Le Seuil.
8. *La Naissance de la Psychanalyse*, carta de 13/2/1896.
9. Freud, com efeito, escreve aí: "Somente agora começo a compreender a neurose de angústia: o período menstrual é seu protótipo fisiológico: constitui um estado tóxico tendo na base um processo orgânico. Espero que descubra logo qual é o órgão desconhecido em questão (tireóide ou outro)". *Naissance de la Psychanalyse*, carta de 1/3/1896.
10. No sentido em que Lacan situa a certeza como fenômeno elementar da psicose. J. Lacan, O Seminário, Livro III, *As Psicoses*, Jorge Zahar Editor.
11. W. FLIESS, op. cit., p. 20.
12. Id., *ibid.*, p. 111.
13. Id., *ibid.*, p. 125.
14. Id., *ibid.*, p. 133.
15. Id., *ibid.*, p. 211.
16. Id., *ibid.*, p. 244.
17. Id., *ibid.*, p. 280.
18. Id., *ibid.*, p. 252.
19. Id., *ibid.*, p. 260.
20. Id., *ibid.*, p. 238-239.
21. Seria conveniente cotejar essa construção com a elaboração freudiana em torno da noção de libido e sua inserção no conflito Eros-Tanatos. Compare-se também uma outra concepção delirante: a de W. REICH.
22. D. P. Schreber, *Mémoires d'un névropathe*, Le Seuil.
23. W. FLIESS, op. cit., p. 254.
24. Id., *ibid.*, p. 140 et. sq. Pode-se avaliar aí a fantasia do autor e o pouco fundamento de sua "ciência".
25. Id., *ibid.*, p. 266.
26. Id., *ibid.*, p. 214.
27. Freud, aliás, no momento de seu estudo sobre a paranóia de Schreber, estará consciente desse paralelo. Ele dirá a Jung o quanto esse estudo o levou a penetrar a estrutura do próprio Fliess (Correspondência Freud-Jung, cartas de 1/2/1908 e 18/12/1910); e a Abraham ele vai declarar ainda mais nitidamente que foi a partir de Fliess que aprendeu a compreender o mistério da paranóia (Correspondência Freud-Abraham, carta de 3/3/1911).
28. Ver notadamente *Der Ablauf des Lebens* (O Curso da Vida), que FLIESS publica em 1906.
29. Ver "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos" (1925), e os artigos de 1931 e 1932 sobre a "Sexualidade Feminina" e a "Feminilidade", já citados.
30. E. FREUD, "Além do Princípio do Prazer" (1920), ESB, vol. XVIII. Imago.

31. Ver especialmente "As Fantasia Históricas e sua Relação à Bisssexualidade" (1908) e "Considerações Gerais sobre o Ataque Histórico", ESB, vol. IX, Imago.
32. "Ao filho valente que, por ordem do pai, apareceu em boa hora. Para lhe ser de ajuda e colaborador da ordem sagrada. Mas congratulações também ao pai que, pouco antes, no fundo de seus cálculos, conseguiu represar o poderio do sexo feminino para que este concorra com sua parte de obediência à lei; não mais assinalado pelo brilho secreto, como a mãe, (mas do pai) convoca, também ele, de sua parte, as potências superiores: a dedução, a fé e a dúvida:  
então, armado de força, à altura das armas do erro, apegase às manifestações do pai, ao desenvolvimento infinitamente amadurecido.  
Que o cálculo seja exato e, como trabalho herdado do pai, se transfira ao filho e, por decisão dos séculos, que se una, em comunhão no espírito, o que, nas mudanças da vida, se desagrega"  
Texto até agora inédito, trazido para o francês por Max Schur, *La Mort dans la vie de Freud*, p. 245-6.
33. Correspondência Freud-Jung, carta 70, de 17/2/1908.
34. Id., *ibid.*, carta 223, de 3/12/1910 e 228, de 22/12/1910.
35. Id. *ibid.*, carta 225, de 18/12/1910.
36. S. FREUD, "O Caso Schreber", ESB, vol. XII, Imago.
37. Correspondência FREUD-ABRAHAM, carta de 11/2/1911.
38. Id., *ibid.*, carta de 13/12/1911.
39. Id., *ibid.*, carta de ABRAHAM de 26/2/1911.
40. Id., *ibid.*, carta de FREUD de 3/3/1911.
41. Id., *ibid.*, carta de ABRAHAM de 8/9/1925.
42. Id., *ibid.*, carta de FREUD, de 11/9/1925.
43. Seu artigo "Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos", ESB, vol. XIX, Imago.
44. *Naissance de la Psychanalyse*, carta a FLIESS de 29/10/1895.

## O Encontro com o Inominável

É na medida em que consegue se libertar da fascinação que lhe inspiraram as idéias grandiosas de Fliess que Freud pode abordar o mecanismo do sonho e a estrutura da histeria, e começar a decifrar o funcionamento daquilo que ele chama, inicialmente, de uma "inteligência inconsciente". Nessa trajetória, um sonho de Freud assume valor inaugural, o sonho da injeção feita em Irma (1), cuja interpretação testemunha um primeiro distanciamento de Freud da "ciência" de Fliess, e, conseqüentemente, talvez, seu primeiro encontro verdadeiro com o mistério da feminilidade. Esse sonho, com efeito, significa para Freud aonde acaba o saber que ele supunha em Fliess, e aonde pode começar o seu próprio.

Irma interrompeu seu tratamento com Freud, recusando a "solução" que este lhe propunha. Ele não nos esconde que atribuía grande valor a essa cura, sendo a jovem uma de suas amigas, muito ligada igualmente a sua família. Assim, quando seu amigo Otto, que foi visitar Irma, lhe diz que ela não vai muito bem, Freud entende isso como uma censura. Na mesma noite ele escreve, para se justificar, o relato desse tratamento e mais tarde tem este sonho, que Lacan comentou de modo notável (2). Nele, Irma aparece sofrendo; Freud se inquieta com isso, pergunta-se se não terá deixado escapar algum sintoma orgânico, e quer examinar sua garganta. Irma, a princípio resistente, acaba abrindo a boca, e Freud percebe então o espetáculo assustador de uma grande placa branca e de crostas branco-acinzentadas que têm

a aparência de cornetos nasais. Três colegas chamados a opinar desempenham um papel um pouco bufão, um deles concluindo seu exame nesses termos: "Não há dúvida, é uma infecção, mas não há de ser nada: sobrevirá a disenteria, e o veneno será eliminado". Ora, diz o sonho, a origem dessa infecção é conhecida: o amigo Otto aplicou recentemente em Irma uma injeção de um preparado de trimetilamina (cuja fórmula, no sonho, Freud vê nitidamente impressa em grandes letras), e é provável que a seringa não estivesse limpa.

Uma primeira leitura desse sonho atinge o resultado seguinte: Freud percebe que efetivamente negligenciou um sintoma orgânico, mas este é atribuível a Otto (Oskar Rie) que utilizou uma seringa suja. Freud se acha então desculpado pelo sonho: não é ele o culpado, é Otto, ou então é o Dr. M. . . (Breuer) que aparece aí como um ignorante, ou então é a própria Irma, porque recusou a solução que Freud lhe propôs — segundo o raciocínio do caldeirão furado (3).

Mas as associações que Freud nos oferece levam-nos mais longe: ao grupo dos três amigos diarréicos se opõe a figura, não presente como tal na cena do sonho, mas evocada pela trimetilamina, do "outro amigo": Wilhelm Fliess. Fliess havia, de fato, comunicado a Freud um certo número de idéias sobre a química do processo sexual, especialmente esta: dentre os produtos do metabolismo sexual figuraria a trimetilamina. Por outro lado, Fliess é ainda evocado pelas bizarras estruturas crespas que Freud distingue no fundo da garganta de Irma e que lhe fazem lembrar cornetos nasais — estes últimos, segundo Fliess, manifestavam estranhas relações com os órgãos sexuais femininos. E Freud acrescenta, mas sem nos revelar mais: "Eu mesmo lhe pedi que examinasse Irma para saber se seus males estomacais não eram de origem nasal".

Ora, sabemos hoje que esta última alusão a Fliess comporta uma verdadeira censura por parte de Freud, pois conhecemos agora a real extensão e a gravidade da intervenção de Fliess neste caso. Devemos a Max Schur a revelação dos fatos, cujo relato ele encontrou na correspondência inédita entre Freud e Fliess no decorrer dos meses de março e abril de 1895 (4). Eis os fatos: Freud havia efetivamente pedido o parecer de Fliess a fim de verificar se Irma (na realidade chamada Emma) não estava afe-

Os 3 amigos: M (Breuer) - o pai  
 Otto (Oskar Rie) -  
 Leopold (Fliess?)

a mãe  
 a companheira  
 a morte

a governanta / amiga de Irma  
 a mulher de Freud  
 Irma era a  
 Condensação de 3 mulheres da

tada por alguma patologia nasal. Fliess veio especialmente de Berlim, examinou a paciente, sugeriu uma operação e, a pedido de Freud, realizou-a ele mesmo em fevereiro de 1895. Ora, pouco depois, Irma começou a sofrer de dores incessantes e sangramentos, Freud acabou por se alarmar e a fez examinar de novo, por um otorrinolaringologista vienense dessa vez. Este descobriu então que durante a operação Fliess esquecera nas cavidades nasais da paciente uma tira de gaze de cinqüenta centímetros! Foi preciso novamente operar Irma para lhe retirar essa fonte de infecção. Durante essa segunda intervenção, Irma sofreu uma grave hemorragia e perdeu os sentidos — e Freud, que a assistia, sentiu um mal-estar e teve que deixar a sala. Nas semanas seguintes, Irma teve ainda que ser operada diversas vezes e sofreu grandes hemorragias que a deixaram, por diversas vezes, em estado crítico.

Citemos aqui o relato que nos faz Max Schur da correspondência de Freud a Fliess a esse respeito: “quando Freud compreendeu que Fliess havia cometido um desses ‘atos falhos’ cirúrgicos, mais comuns do que se pensa, e que havia assim provocado complicações imprevisíveis, hesitou durante todo um dia antes de lhe escrever. Depois do que, enviou uma longa carta. Começava por fazer uma descrição realista do ‘desvendamento’: a descoberta da gaze impregnada de tintura de iodo, causa do odor fétido, da dor, do sangramento, etc. Seguiu-se um solene protesto de confiança inabalável em Fliess. Assegurava-lhe de que ninguém lhe faria nem poderia fazer censuras, confessava-lhe que se sentia envergonhado de haver momentaneamente hesitado em lhe escrever, e se dizia convencido de que Fliess era bastante forte para suportar essas notícias. Freud atribuía seu própria mal-estar não ao odor ou à visão do sangue, mas à emoção que o havia acometido quando, num clarão, o conjunto da situação lhe havia aparecido” (5). Concluindo, Max Schur julga que o desejo realizado pelo sonho da injeção feita em Irma seria menos, como o próprio Freud sustenta, o desejo de se desculpar, do que o de inocentar seu amigo e preservar dessa forma “sua relação positiva com Fliess” (6).

Mas podemos nos contentar em definir a transferência de Freud para Fliess como uma “relação positiva”? Podemos crer nos protestos de boa-fé e de amizade que Freud dirige a seu amigo? Isso seria negligenciar a outra face da transferência, sua

“Atos falhos cirúrgicos”

face negativa, da qual Freud talvez nada queira saber ainda, mas que o sonho já reconhece: “Sabemos igualmente, de uma maneira direta, de onde vem a infecção (...) a seringa não estava limpa”. *Sabemos*: isso não indica que, no sonho, o saber já se situa do lado de Freud, e não mais do lado de Fliess? Quanto à seringa suja, ela só pode significar uma coisa: é o saber que Freud, na transferência, supõe em Fliess que se verifica impuro, enquanto que Freud, como ele mesmo observa no seu comentário do sonho, é sempre extremamente atento à limpeza da seringa, à pureza de seu método terapêutico. Desde então, mesmo se o sonho culpa outro que não Fliess — o que, aliás, não implica em que este último esteja desculpado — a culpa fundamental que aí se confessa é bem a de Freud. E esta culpa, em última análise, acusa sua transferência para Fliess: referindo-se ao saber de Fliess, Freud “não leva a sério o bastante seus deveres médicos” (7), não se mantém à altura daquilo em que se engajou na cura de Irma.

É tentador, a partir daí, aproximar deste sonho da injeção de Irma um outro sonho de Freud, dito “*Autodidasker*”, que apresenta o mesmo tema, mas invertido, na medida em que sua análise traz à luz um desejo singular, diz Freud, o de estar errado, e mais precisamente, de estar errado diante do saber de Fliess. Trata-se aqui, ainda, de um paciente ao qual Freud hesita em atribuir o diagnóstico de neurose; apela, então, para “o médico por quem ele tem mais respeito e diante de cuja autoridade se curva com a maior boa-vontade” (8), quer dizer, Fliess. Este, para grande espanto de Freud, descarta a idéia de uma afecção orgânica. Freud despede assim mesmo seu paciente alguns dias depois, declarando-lhe que nada pode fazer por ele e recomendando-lhe um outro médico. Para sua surpresa, o doente lhe confessa então a etiologia sexual de seus sintomas, confirmando assim o diagnóstico de neurose. Freud diz se sentir aliviado com isso, mas ao mesmo tempo envergonhado: “Devia admitir para mim mesmo que meu colega tinha visto mais claro que eu. Resolvei dizer-lhe, quando voltasse a vê-lo, que ele tivera razão, e eu estivera enganado” (9).

O esquema desta análise de sonho se aproxima, assim, do precedente. Nos dois casos, Freud hesita quanto ao diagnóstico a ser dado: neurose ou afecção orgânica. E em ambos os casos, se ele deixa ao saber de Fliess a tarefa de intervir, isso não o

impede de relatar em seguida suas dúvidas quanto ao bom fundamento da intervenção deste último. Fliess se enganou no caso de Irma (10) e teve razão no segundo caso; parece, porém, que Freud se sente tão culpado num caso como no outro. E a transferência de Freud atinge aí seu ponto de vacilação. Com efeito, em cada um desses sonhos, o motor é o sentimento de culpa de Freud. Mas qual o seu fundamento? Será o de ter ousado discordar do saber que ele supunha em seu amigo Fliess, ou, mais fundamentalmente, ter acreditado nesse saber a ponto de fazê-lo passar à frente de sua própria intuição ou de seu desejo de analista? A interpretação pela qual Freud se resolve vai no sentido da primeira hipótese: esses sonhos teriam por função preservar, do lado de Fliess, o sujeito-suposto-saber. Versão "oficial", diríamos nós, mas "oficiosamente" Freud está seriamente empenhado em pôr em dúvida esse saber que atribui a Fliess, e este movimento irá conduzi-lo, alguns anos mais tarde, a ver em Fliess nada mais que um fantoche no plano do saber, mas também a considerá-lo — ele o confessará a Abraham — como um objeto sedutor irresistível. Quando, no sonho *Autodidasker*, o doente intervém, no próprio momento em que Freud vai interromper a cura, para dar razão a Fliess, se a vergonha se mistura ao alívio experimentado por Freud, é que o doente, por sua admissão, dá razão ao desejo de Freud, mais que ao saber de Fliess (11). A conclusão desse sonho não é tanto a de que Fliess tenha visto certo, mas antes a de que Freud tinha razão em sustentar sua tese sobre a etiologia das neuroses. A vergonha que surge então só pode ser a de haver cedido a seu desejo, de ter recebido do Outro (Fliess) a lição que não lhe ousava dar ele mesmo.

Se, pois, esse sonho realiza o singular desejo de estar errado, completemos a fórmula, é o desejo de estar errado em supor em Fliess um saber que ele não tem e não pode ter, mas que Freud já detém sem ainda ousar reconhecê-lo e assumi-lo. Assim, esses dois sonhos, para assumir todo seu alcance, devem ser em primeiro lugar ressitoados no quadro da transferência de Freud para Fliess, quer dizer, devem ser lidos em função de sua destinação. Colocados nessa perspectiva, eles nos indicam que a transferência de Freud atinge nessa época um ponto crítico: o Outro em que Freud supõe o saber não é mais um Outro sem falha,

mas sim um Outro que pode se enganar, e sobretudo, que pode enganar.

Ora, qual é o objeto do saber que Freud atribui a Fliess? A análise desses dois sonhos permite responder sem hesitar: o que é a feminilidade. É, pois, quanto a esse ponto fundamental que Freud deixa de confiar nas respostas de Fliess. No sonho *Autodidasker*, as associações de Freud nos remetem a um encadeamento de significantes ligados por jogos de anagrama, de substituição de sílabas ou de inversões, cujo objetivo Freud explicita: “Pode-se resumir tudo isso por “*cherchez la femme!*” (12). Observemos de passagem um detalhe sobre o qual Freud nada nos diz: uma palavra ocupa uma posição central na cadeia, o significante *Breslau*, nome de uma cidade, diz ele, onde se casou “uma dama a qual éramos muito ligados”; um casamento infeliz, já que o fundo do sonho comporta a idéia de ruína pela mulher. Mas o que ele não nos diz é que Breslau é também o nome da cidade onde ele tinha realizado com Fliess um “congresso” decisivo, onde Fliess lhe havia exposto a evolução de sua teoria da bissexualidade em direção à noção de bilateralidade, num desenvolvimento que Freud se recusou a avaliar.

Quanto ao sonho da injeção de Irma, ele é todo construído em torno deste enigma central: “O que é uma mulher?” Para formulá-lo com o equívoco que o próprio sonho utiliza, trata-se — entre Freud e Fliess — de saber o que se descobre quando Irma “abre a boca”. Por essa abertura — quer se a tome a nível anatômico ou a nível do ato da palavra — o sonho já constitui uma interpretação, até mesmo uma teoria. Como diz Lacan, “o sonho que Freud faz é, enquanto sonho, integrado ao processo da descoberta. É assim que ele assume um duplo sentido”. (13). Com efeito, o que o sonho de Freud constrói, em resposta àquilo que se apresenta no fundo da garganta de Irma, constitui em si o ponto de partida para uma via de acesso à feminilidade. Pois o que Freud descobre quando Irma abre a boca, ali mesmo onde Fliess só pode ver infecção, está na origem de três temas que vão posteriormente atravessar toda a sua obra, três temas que formam outros tantos fios condutores para apreender a mulher: o da realidade do órgão genital feminino e do horror que este suscita; o das três mulheres, cujo auge é a mulher como figura

da morte (e reciprocamente); e o do umbigo, do não-reconhecível, da feminilidade enquanto furo.

Vamos partir desta passagem do começo do sonho: “Então a boca se abre bem e constato, à direita, uma grande placa (branca, acrescenta o tradutor francês) e, por outro lado, percebo extraordinárias formações crespas que têm a aparência de cornetos do nariz, e sobre elas grandes crostas branco-acinzentadas.” É Lacan quem se lembra de sublinhar, em seu Seminário sobre o *Eu* (...) (14) que esse sonho comporta dois pontos culminantes, o segundo respondendo de alguma forma ao primeiro: esse espetáculo assustador do fundo da garganta de Irma é, afinal, a emergência da fórmula da trimetilamina. No que se refere ao primeiro, Lacan nos diz: “Há ali uma horrível descoberta, a da carne que nunca se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados\* por excelência, a carne de onde tudo sai, no mais profundo mesmo do mistério, a carne no que ela tem de sofredor, no que ela é informe, no que sua própria forma, por si mesmo, é alguma coisa que provoca angústia. Visão de angústia, identificação de angústia, última revelação do “tu és isso” (15). Essa primeira parte do sonho é, pois, uma abertura para a imagem horrível da carne bruta, não adornada pela imagem erotizada do corpo. Há ali, diz ele mais adiante, a revelação de “alguma coisa de, para falar propriamente, inominável (...), o abismo do órgão feminino de onde sai toda a vida (...) e também a imagem da morte onde tudo vem terminar” (16). Para Lacan, a função desse sonho é inicialmente indicar a Freud o verdadeiro objeto das queixas de Irma, este objeto que funda a verdade de seu sintoma histérico (§ na escritura lacaniana).

a

Irma, nos diz Freud, “se queixava sobretudo de sensações de náusea e de repugnância”. Ela se queixa, de fato, de que essa alguma coisa inominável surge no lugar de seu corpo, alguma coisa que faz com que seu corpo apareça como dessexualizado, desfalicizado, reduzido a um estado de carne desfigurada, de coisa — de objeto, dirá mais tarde Lacan. Pois a queixa inicial

\* Em francês: *secretés*. Mantivemos, para traduzir este neologismo de Lacan, a palavra empregada na versão brasileira do Seminário II, de Marie Christine Laznik Penot com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. (N. da T.)

da histérica visa antes de mais nada um estado: aquele de coisa fora-do-sexo para onde ela se sente transportada no desejo do Outro e que provoca náusea e aversão. Voltaremos a esse ponto.

Não é notável que Freud, no entanto, não se detenha nessa imagem sem nome, nessa emergência do real? O sonho continua, ele encontra o caminho que permite ao sonhador não acordar. Em que consiste esse caminho? Logo de início o sujeito Freud desaparece — e é evidentemente esse eclipse que assegura o prosseguimento do sonho — ele não precisa mais medir-se com o real, mas é substituído por um alegre trio composto por Otto, Leopold e o Dr. M. Assim se elabora, no próprio seio do sonho, um começo de resposta ao real, que vai desembocar na fórmula da trimetilamina, ou seja, numa escritura eminentemente simbólica. Lacan comenta assim a importância dessa conclusão: “Tal como um oráculo, a fórmula não dá resposta alguma ao que quer que seja. Mas a própria maneira pela qual ela se enuncia é bem a resposta à questão do sentido do sonho. Pode-se decalcá-la da fórmula islâmica: Não há outro Deus senão Deus. Não há outra palavra, outra solução para seu problema que não a palavra.” (17) Em suma, a tese que Lacan sustenta por essa releitura do sonho é que este se revela, em sua própria elaboração, homogêneo à descoberta psicanalítica e à maneira pela qual se constitui o inconsciente: o fato que se diga ou que se sonhe se revela aí causado por um real inominável, real que o inconsciente tenta delimitar como se bordejia um furo, pelo sistema do simbólico, pela cadeia significante, da mesma forma que o saber psicanalítico tenta designar essa instância do real com a ajuda de fórmulas ou matemas. Nesse sentido o sonho da injeção de Irma não é apenas uma formação decifrável pela psicanálise, mas também um lugar onde se inventa e se põe em ato a própria psicanálise.

Em esse sonho, bem além dos acontecimentos que tramaram o caso Irma-Emma, elabora a resposta de Freud a Fliess. Fliess, que só se interessa pela realidade material da infecção nasal, quer encontrar sua explicação na necessidade de escoamento de uma toxina sexual também toda ela material (a palavra trimetilamina alude à toxina em questão). Fazendo assim, ele passa ao largo tanto da dimensão real quanto da dimensão simbólica da feminilidade. Além disso, para convencer Freud da justeza

dessa abordagem organológica, chega a ponto de “esquecer” uma tira de gaze no nariz de uma histérica, fazendo de modo a alimentar ele mesmo a infecção contra a qual se supõe que lute. Freud lhe responde, pelo próprio fato de que sonha, afirmando a existência do inconsciente: nessa perspectiva, a trimetilamina vale, não como produto da química, mas enquanto fórmula, cifra, letra cujo sujeito (Freud, como Irma) se sustenta em face do real traumático. Por esse sonho Freud encontra o meio de responder a Fliess que suas teorias nasais não são mais que cifras do inconsciente de um sujeito confrontado com o horror que inspira a descoberta do sexo feminino.

Uma outra temática irrompe nesse sonho, a das três mulheres, cujo final se revela ser a morte. Esse tema é engrenado a partir de uma passagem do sonho que evoca tanto a falsidade quanto o pudor das mulheres: “Levo-a para perto da janela, a fim de examinar sua garganta. Ela manifesta uma certa resistência, como as mulheres que usam dentes postiços. Digo a mim mesmo: ela, no entanto, não tem necessidade disso. Então a boca se abre bem...” As associações conduzem Freud a evocar ao lado de Irma uma de suas amigas íntimas que ele viu ser examinada pelo Dr. M. — este dizia que ela tinha falsas membranas diftéricas. Freud, por seu lado, pensa que esta jovem é histérica, mas que ela não desejará vir consultá-lo pois, diz ele, “ela é muito reservada, ela se enrijece, como no sonho”. Ela também, em suma, resiste a abrir a boca... Por outro lado, essas membranas diftéricas acarretam a associação com Mathilde, a filha de Freud que esteve, ela própria, gravemente doente dois anos antes, e com uma outra Mathilde que morreu de uma intoxicação, em seguida a uma receita de sulfonal que Freud lhe havia dado. Tudo se passa, ele nota, como se a substituição das pessoas no sonho perseguisse um objetivo que se enunciaria: uma Mathilde por outra. Enfim, os “dentes falsos”, que ele representa antes como “maus dentes”, fazem-no lembrar uma outra pessoa. E essa outra pessoa, diz ele, “nunca cuidei dela, nem desejo ter que fazê-lo: ela está zangada comigo, e deve ser uma doente difícil”. Quem é essa pessoa tão zangada com Freud? Uma nota nos faz compreender que se trata de sua própria mulher, mas dessa vez compreendemos que não é de abrir a boca que se trata, no que se refere a ela: “os males do ventre me recordam uma

*Mathilde era muito doente e quase morreu varias vezes -> era a filha + Irma*

ocasião em que percebi claramente seu pudor". Assim, abrir as pernas e abrir a boca se encontram postos em equivalência, a boca e o sexo feminino substituindo uma ao outro.

Eis então três mulheres, acompanhando Irma, que resistem a Freud: ou porque elas nada lhe digam, ou porque se recusem a se deixar examinar por ele, ou porque tenham aderido para sempre ao mutismo na morte. Ora, esse tema da morte e do silêncio envolvendo uma das principais figuras do feminino se reencontra em outros sonhos de Freud, e, mais tarde, em artigos muito importantes cujo núcleo é o enigma da feminilidade — como "O tema dos três cofres" (1912) ou "O Estranho" (1919). Não se pode deixar, aliás, de ficar surpreendido pela insistência dessas associações num grande número de casos de histeria — a prática cotidiana pode, quanto a este ponto, receber um esclarecimento do caso Emmy von N. que comentaremos mais adiante.

Dois sonhos de Freud devem ser, a esse respeito, relacionados com o da injeção de Irma: o sonho "das três Parcas" (18), e o primeiro sonho "de Brücke", também designado pelo nome de sonho "da dissecação da pélvis" (19). No relato do primeiro, Freud associa imediatamente o primeiro romance que leu, quando tinha treze anos, e no fim do qual o herói, enlouquecido, grita os nomes das três mulheres que causaram a felicidade e a desventura de sua vida. As três mulheres evocam para Freud as três Parcas que fiam e desfazem os destinos humanos. A partir daí o sonho se esclarece, e notadamente a figura da misteriosa hospedeira que nele recebe o sonhador: "Vou a cozinha à procura de pudim. Há três mulheres ali. Uma é a hospedeira, ela tem alguma coisa nas mãos, parece fazer *knödel* (bolinhos de massa). Ela responde que preciso esperar que termine (ele não está certo de que ela tenha falado). (...)" (20). É uma das três Parcas, mas é também um personagem que remete Freud a sua ama e a sua mãe. Ele se lembra então de como, quando tinha seis anos, sua mãe o ensinava que o homem é feito de terra e deve retornar à terra: sua mãe havia esfregado uma contra a outra as palmas de suas mãos (como para fazer *knödel*), e lhe havia mostrado os pequenos fragmentos de epiderme enegrecida que se soltavam. O menino havia ficado estupefato com esta demonstração e se resignara àquilo que formularia mais tarde pelo adágio: "deves devolver tua vida à natureza". Assim, a

principal figura da feminilidade para Freud entrava em cena: era a mãe, mas ao mesmo tempo a morte, aquela de onde se vem, mas também aquela para quem se retorna, aquela que nos alimenta e que finalmente nos absorve, nutriz e devoradora ao mesmo tempo. Sublinhemos o gesto pelo qual a mãe inicia aqui o pequeno Freud no mistério da morte: é de seu próprio corpo que alguma coisa se destaca, pequeno fragmento que se apresenta como o que há de mais real no corpo (é a terra da qual se é feito), encarnando a realização mesmo da morte. Este resto que se destaca do corpo para além de toda imagem nos propõe uma figuração cativante daquilo que Lacan chama objeto *a*, e devemos relacioná-lo com a mancha horrível percebida no fundo da garganta de Irma.

Por outro lado, como no sonho de Irma, existe aqui uma segunda parte, uma resposta no sonho à emergência dessa parte morta do corpo. Essa terra que faz realmente o corpo, Freud tenta de fato, no sonho, revesti-la: ele quer enfiar um sobretudo (cuja significação sexual ele nota bem), mas é impedido disso por um estranho de alta estatura. Em outras palavras, o sonhador tenta re-envolver o corpo por um véu falicizado, sexualizado. O sobretudo, “de longas tiras” e “coberto de bordados turcos” é além disso, nas associações que se seguem no sonho, relacionado diretamente com o órgão genital feminino e aquilo que ele reveste (21). Assim, a lógica do desenvolvimento desse sonho nos indica que alguma coisa impede que a parte morta do corpo seja camuflada, revestida pela longa tira recoberta de bordados turcos onde veríamos uma figuração agradável do falo. E como essa construção partiu do corpo da mãe, isso significa que se levanta uma objeção a que esse corpo feminino como tal seja inteiramente falicizado, e que essa objeção não é senão o próprio órgão genital feminino (no sonho: o estranho que usa uma pequena barba em ponta). Aproximamo-nos aí da formulação de um tema implícito que guia Freud em todas as suas primeiras elaborações a respeito da feminilidade: há alguma coisa no corpo da mulher que resiste ao adorno fálico, alguma coisa que dele se destaca como a própria morte, que é o seu sexo propriamente dito.

Ora — é aí que se situa a verdadeira ponta do sonho — no momento em que ele toca no que seria o não-nomeável enquanto tal, o próprio umbigo dessa elaboração, todo o seu en-

cadeamento desemboca num jogo de palavras sobre o próprio nome de Freud. Freud observa, de fato, que a cadeia associativa que desenvolveu ao analisar este sonho e que o levou até o órgão feminino é inteiramente constituída por equívocos referentes a nomes: *Knödel* e *Knodl*, *Pélagré* e *plagiat*, *Brücke* e *Wortbrücke*, *Fleischelt* e *Fleisch*, *Popovic* e *popo*. E no momento em que, a propósito de "*Popovic*", que contém "*popo*" — palavra infantil que designa o sexo feminino — ele se recorda dessa frase de um humorista a seu respeito: "Ele me diz seu nome e me aperta a mão corando", Freud repara o quanto ele se preocupa com esse tipo de equívocos: "Essas espécies de jogos são aquelas a que se entregam as crianças mal-educadas: se me entrego a elas, é uma espécie de vingança, pois meu nome foi, um número incalculável de vezes, objeto dessas brincadeiras mediocremente espirituosas" (22). Sabe-se o que *Freude* quer dizer em alemão: alegria, júbilo. Eis então, finalmente, aquilo que escapa da construção do sonho como alguma coisa escapava do corpo da mãe no interior mesmo do sonho: é esse laço entre a alegria e o sexo feminino que dá, assim, sua significação ao laço entre a morte e o corpo da mãe. Dessa forma, o sentido último desse sonho é o seguinte: alguma coisa escapa ao nome, ao significante por excelência que é o nome, bem como aos bordados da metonímia simbólica: é o gozo. A composição simbólico-imaginária só pode, sob esse aspecto, produzir um resto, resto real que cai, como os fragmentos de epiderme caíam das palmas da mãe.

Um outro sonho, que só evocarei rapidamente, recoloca em cena essa relação íntima entre o feminino e a morte; é o sonho da dissecação de sua própria bacia pélvica que Freud nos relata imediatamente depois do precedente\* (23). Aqui ele deve fazer o que o próprio texto do sonho denomina "uma coisa bastante estranha": preparar para a dissecação, a pedido de *Brücke*, a parte inferior de seu corpo. Ao fazer isso ele descobre um espetáculo que não deixa de lembrar o fundo da garganta de Irma e os comentários de Lacan a esse respeito. Ora, nas associações que vêm na continuação do sonho, os termos "coisa bastante estranha" se revelam ligados a um livro que Freud emprestou a uma

\* Na edição brasileira a ordem de relato dos sonhos está alterada, encontrando-se este sonho no volume seguinte da ESB. (N. da T.)

amiga: *She*, de Ridder Haggard, que Freud lhe apresenta como uma obra estranha, cheia de sentidos ocultos e designando o eterno feminino. Notemos, ainda, que esse livro tem valor de substituto para uma obra que o próprio Freud ainda não escreveu sobre o segredo da feminilidade. Pode-se então se questionar como Freud entrevê essa obra através da construção de seu sonho. É preciso em primeiro lugar que sua bacia tenha sido preparada, depois montada de novo em seu corpo (24). Em seguida, novamente de posse de suas pernas, Freud empreende uma verdadeira expedição, acompanhado por um guia alpino que o carrega durante um trecho do caminho. Depois de haver enfrentado diversos perigos, chegam à beira de um abismo sobre o qual o guia estende duas tábuas: “Então, temi realmente por minhas pernas”, diz Freud. É aí que o sonho chega ao impasse pois, em vez de atravessar o abismo, Freud descobre então dois homens estendidos e, ao lado deles, duas crianças adormecidas — que a análise do sonho permite identificar aos dois esqueletos de um túmulo etrusco próximo a Orvieto. “Era como se devesse passar, não sobre as tábuas, mas sobre essas crianças. Acordei num estado de ansiedade e de confusão.” O romance de Haggard termina, ele também, pela morte; a mulher-guia, em vez de trazer para si mesma e para os outros o segredo da imortalidade encontra a morte num misterioso fogo subterrâneo. É então, mais uma vez, a morte que vem limitar a elaboração de Freud a respeito da mulher, a morte que se apresenta aqui como o abismo intransponível, o furo, à beira do qual as crianças estão adormecidas e diante do qual o sonho se cala.

Essa temática encontrará sua expressão acabada no artigo de 1913 sobre “O tema dos três escrínios” (25). A partir da cena do *Mercador de Veneza* na qual Bassanio deve, para obter a mão de Portia, escolher entre três cofres aquele que contém o retrato da jovem, Freud faz ressaltar uma estrutura que se encontra em outras ficções bem conhecidas: no *Rei Lear*, no mito de Páris e das três deusas, no conto da Cinderela, na fábula de Apuleio sobre Psiquê e suas irmãs. A cada vez, trata-se de três irmãs entre as quais o homem deve escolher a que é boa. Ora, a cada vez, aquela sobre quem deve recair a escolha apresenta a mesma característica: a da mudez. Ela se cala, não abre a boca, diria eu, para evocar novamente Irma.

Ora, segundo Freud, o mutismo em sonho é uma representação usual da Morte. A terceira irmã, aquela que deve ser escolhida pelo herói, é então a própria Morte, a deusa da Morte. Podemos a partir daí dar um nome a essas três irmãs: são as Moiras, ou as Parcas, das quais a terceira se chamava Atropos, a Inexorável. E Freud conclui seu artigo com essas palavras, que resumem toda uma vertente de sua abordagem da Mãe e da Mulher: "Poder-se-ia dizer que são as três inevitáveis relações entre o homem e a mulher que estão aqui representadas: eis a genitora, a companheira e a destruidora. Ou ainda as três formas sob as quais se apresenta, no decorrer da vida, a própria imagem da mãe: a mãe ela mesma, a amante que o homem escolhe à imagem daquela e, finalmente, a Terra-mãe, que o retoma. Mas o velho procura em vão recapturar o amor da mulher tal como o recebeu em primeiro lugar de sua mãe; só a terceira das filhas do destino, a silenciosa deusa da morte, toma-lo-á em seus braços".

Assim é a Morte a palavra pela qual Freud significa, de maneira genial, o que resta da mãe, da mãe enquanto real, enquanto proibida. Na medida em que uma parte dela fica sem significante, como uma zona de silêncio com relação àquilo que se diz e que se nomeia, a mãe é um equivalente da morte, e só na morte é reencontrada. É isso que fará com que Freud diga em 1919, em "O Estranho" (26), que a idéia de ser enterrado vivo — fantasia corrente — não é senão a transformação da fantasia de uma vida dentro do corpo materno. A única fragilidade deste raciocínio consiste na crença de que a morte se confunde com o termo temporal da vida. A verdade sobre a morte não é esse termo material, que é apenas uma representação dela. Lacan esclarece melhor essa questão quando designa na morte uma das figuras do real (27). Se a morte tem tanta importância para nós, seres falantes, é que ela é a que nega o discurso, o mutismo que quebra a espada da palavra. Fica-se então menos surpreso de reencontrá-la no inconsciente como um equivalente da mãe, até mesmo da feminilidade, na medida em que os desenvolvimentos da doutrina freudiana nos mostram que alguma coisa da feminilidade permanece absolutamente fora do alcance da palavra, interdito no sentido mais forte do termo, quer dizer, presente no mutismo que se intercala entre os ditos. Não chega quase a surpreender reen-

contrar esse tema da morte como um dos principais marcos do discurso da histórica, sob o aspecto da angústia de morrer ou de sentir seu próprio corpo como um corpo morto. Do corpo feminino, alguma coisa é deixada à morte, ao mutismo — precisamente aquilo que concerne seu sexo na medida em que ele se poderia opor ao falo que, este sim, é fundamentalmente falante.

Mas o sonho da injeção de Irma abre uma terceira via, da qual é importante demarcar a relação com a problemática da feminilidade em Freud: a temática do umbigo, do não-cognoscível para o qual converge todo o sistema de representações. Esse termo aparece em nota acrescida aos comentários de Freud a propósito da frase do sonho: “Então a boca se abre bem”. Freud faz notar que a análise desse fragmento não precisa ser levada muito longe para que toda a sua significação se revele: “Todo sonho comporta pelo menos um lugar onde ele é impenetrável, como um umbigo, pelo qual ele se apega ao não-cognoscível” (28). Em face da questão de saber o que está por se descobrir no fundo da boca de Irma, dois obstáculos devem ser distinguidos: a resistência do sujeito a abrir a boca, a falar, e o fato de que essa boca, uma vez bem aberta, se revela, em última análise, insondável. Que ela se ponha a falar não implica em que vá dizer tudo, nem que Freud vá saber tudo. Persistirá um não-cognoscível. De certo, estamos aqui muito próximos do tema do mutismo e da morte. Mas a noção do umbigo torna esse mutismo mais complexo, duplica-o: existe um silêncio no exterior da fala, que se opõe a esta, mas existe também um silêncio no interior mesmo da fala. É isso o que Lacan mais tarde tornará sensível pela figura topológica do toro cuja superfície se delimita com relação a um vazio exterior, mas também com relação a um vazio interior que ela encerra (29).

Eis aí, então, uma terceira forma de demarcar, no discurso, aquilo que constitui a realidade do sexo feminino: é o que vai se manifestar como furo no discurso, como lacuna no tecido significante. Reencontra-se esse tema da lacuna imediatamente após o sonho da injeção de Irma no Rascunho K, que Freud dirige a Fliess em 1º de janeiro de 1896 (30). De fato, no capítulo dedicado à histeria, Freud emite sobre a origem desta uma opinião que difere sensivelmente daquela que havia defendido em 1894, em seu artigo sobre as “*Psiconeuroses de Defesa*” (31). Ele sus-

tentava, então, que na origem da histeria se encontra um conflito entre o eu e o que ele chamava de “uma representação irreconciliável” com o eu que, desde então, se defendia separando a dita representação do afeto (excitação) a ela relacionado e referindo esse afeto ao corpo (mecanismo de conversão). Mas no Rascunho K, dois anos depois, ele não fala mais em “representação irreconciliável”: passa a defender que o fenômeno primário da histeria é “uma manifestação de susto com uma lacuna no psiquismo”, quer dizer, uma ausência de representação!

Na realidade, essas duas teses sucessivas, ainda que contraditórias, não são irreconciliáveis. O fenômeno que Freud descreve no Rascunho K é mais da ordem da pré-história do que da origem da histeria; a lacuna e o susto psíquico são, com efeito, anteriores ao sintoma histérico propriamente dito. É pelo recalçamento e pela repetição que a histeria propriamente dita vai se colocar, quando o sujeito encontrar uma representação que o remeta àquela lacuna e àquele susto, estes assumindo, assim, seu valor num “só-depois”.\* Sobre esta questão do recalque e de seu papel na histeria, o Rascunho K introduz, além disso, uma nova nuance que redefine a noção de “representação irreconciliável”. Freud escreve aí: “O recalçamento não se realiza por uma formação de uma idéia contrária poderosa demais, mas sim por um reforço *de uma representação-limite*”, que a partir de então vai representar, nas operações mentais, a lembrança recalçada.” (32) Assim, nessa abordagem inteiramente nova, o significante que, num segundo tempo, vai constituir a “representação irreconciliável”, é escolhido por estar de alguma forma à beira do furo, que ele delimita — o furo, em si mesmo, não pode ser de fato recalçado pois que ele é apenas furo e só o significante (a representação, diz Freud) pode ser recalçado.

É extremamente curioso que nenhuma dessas duas noções — a lacuna e a representação-limite — tenha sido retomada posteriormente nos trabalhos de Freud sobre a histeria. Elas nos indicam, no entanto, claramente, aquilo que ele terá tanto trabalho para demarcar, alguns anos mais tarde, com o homem dos lobos: a presença de um elemento real, fora do conhecimento

\* Em francês: *après-coup*. Utilizamos aqui o termo cunhado por MDMagno. (N. da T.)

porque fora do significante, no cerne do recalçamento significativo que determina os sintomas — quer dizer, a insistência do real por detrás da problemática simbólico-imaginária da castração. Este abandono é ainda mais surpreendente porque essas noções teriam esclarecido de modo singular muitos pontos deixados em suspenso nos *Estudos sobre a Histeria* ou no artigo de 1896 sobre “A Etiologia da Histeria” (33).

Examinemos os casos de histeria que Freud nos traz em seus trabalhos dos anos 1895-1900. Sua releitura permite destacar duas grandes orientações que vão dividir a abordagem que Freud tenta fazer da feminilidade:

— a vertente do *real* — ou seja, do não-reconhecível, do mutismo e da morte onde vai se inscrever o fenômeno da *repulsa*.

— a vertente da castração — ou seja, do primado do falo — onde vai se realizar o fenômeno do *horror*.

Ao longo dos anos, a segunda orientação ganhará cada vez mais terreno sobre a primeira, até absorvê-la e recobri-la completamente. A função da teoria da castração em Freud teria tido como efeito fechar uma brecha aberta no início de sua elaboração?

### Notas

1. S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, Parte I, ESB, vol. IV, Imago, p. 113 et sq.
2. J. LACAN, O Seminário, Livro II, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, p. 188 et sq.
3. Ver S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, Parte I, ESB, vol. IV, Imago, p. 128.
4. Lembramos que essa correspondência, longe de estar completa, foi copiosamente, ou co-piosamente censurada por seus editores norte-americanos, os responsáveis pelos Arquivos Freud de Nova Iorque. MAX SCHUR foi um dos raros privilegiados a ter acesso a esses arquivos secretos, e julgou que seria de interesse geral para os psicanalistas trazer à luz os elementos que esclarecem as discordâncias entre FREUD e FLEISS. V. MAX SCHUR, *La Mort dans la vie de Freud*, p. 107-118.
5. MAX SCHUR, op. cit., p. 106.
6. Idem, *ibid.*, p. 116.
7. Ver S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 129.
8. Id., *ibid.*, p. 321.
9. Id., *ibid.*, p. 321.

10. Não apenas ele se enganou, mas quis enganar Freud, pois a interpretação de seu ato falho (o esquecimento da tira de gaze) só pode ser esta: ele quis se assegurar de que o sintoma de Irma continuasse orgânico.
11. FREUD pode, aliás, atribuir sua incredulidade quanto ao diagnóstico feito por Fliess ao fato de que este não compartilha de sua opinião sobre a etiologia das neuroses. Mesmo que a ciência de Fliess seja exata, ela não pode deixar de ser enganosa para Freud, na medida em que se baseia num falso saber.
12. S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, p. 320.
13. J. LACAN, O Seminário, Livro II, p. 207.
14. Id., *ibid.*, p. 188 et sq.
15. Id., *ibid.*, p. 197.
16. Id., *ibid.*, p. 208.
17. Id., *ibid.*, p. 216.
18. S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, p. 216 a 220.
19. S. FREUD, *id.*, *ibid.*, p. 441, 483-7, 510-11 (ESB, vol. V, Imago).
20. Id., *ibid.*, p. 216 (vol. IV).
21. Id., *ibid.*, p. 219 (vol. IV).
22. Id., *ibid.*, p. 219 (vol. IV).
23. Id., *ibid.*, p. 483 et sq. (vol. V).
24. Não se pode deixar de lembrar aqui a operação de aparafusar e desaparafusar que o pequeno Hans espera do bombeiro que vem a sua casa.
25. S. FREUD, "O tema dos três escrínios" (1913). ESB, vol. VII, Imago, p. 365 et sq.
26. S. FREUD, "O Estranho" (1919), ESB, vol. XVII, Imago, p. 273 et sq.
27. Ver, notadamente, "Função e Campo da Palavra..." e "Introdução ao comentário de Jean HYPPOLITE sobre a Verneinung", *Escritos*, Perspectiva.
28. S. FREUD, *A Interpretação dos Sonhos*, p. 119.
29. Este furo interno à fala, à cadeia significante, aparece de maneira particularmente manifesta no caso de Emmy von N., cujo discurso é interrompido sem cessar por um estalar de língua, ou um gaguejar.
30. Cf. S. FREUD, Rascunho K, ESB, vol. I, Imago.
31. S. FREUD, "As Psiconeuroses de Defesa", ESB, vol. III, Imago.
32. Seria preciso relacionar esta teoria do recalque do Freud primitivo com a espécie de teoria do fetichismo generalizado ao qual ele chega no fim de sua obra com seu texto sobre "A Divisão do Ego..." (1939).
33. S. FREUD, "A Etiologia da Histeria" (1869), ESB, vol. III, Imago.